

Rússia intensifica ataques à população civil na Ucrânia

mundo guerra na ucrânia

Putin apresenta lista de condições para acabar com guerra na Ucrânia

Porta-voz diz que russo quer rendição militar, neutralidade e reconhecimento da Crimeia e do Donbass

Igor Gielow

SÃO PAULO A Rússia de Vladimir Putin listou pela primeira vez as condições que apresentou à Ucrânia para acabar com a guerra que devastou o país vizinho há 12 dias.

Em uma entrevista à agência Reuters, por telefone, o porta-voz do Kremlin, Dmitri Peskov, afirmou que a operação "acaba em um instante" se Kiev se render militarmente, mudar sua Constituição para garantir que nunca irá aderir à Otan (aliança militar ocidental) ou à União Europeia, reconhecer a Crimeia anexada em 2014 como russa e as ditas repúblicas separatistas do Donbass, no leste, como independentes.

Segundo Peskov, os negociadores russos já informaram aos ucranianos seus termos na semana passada, quando fizeram duas reuniões na Belarus. Uma terceira rodada ocorreu nesta segunda-feira (7), mas segundo os enviados de Kiev resultou apenas em pequenos avanços na coordenação para a criação de corredores humanitários.

O negociador-chefe russo, o ex-ministro da Cultura Vladimir Medvedev, foi mais direto e disse que a conversa "não está à altura das expectativas de Moscou", um eufemismo para a rejeição dos termos.

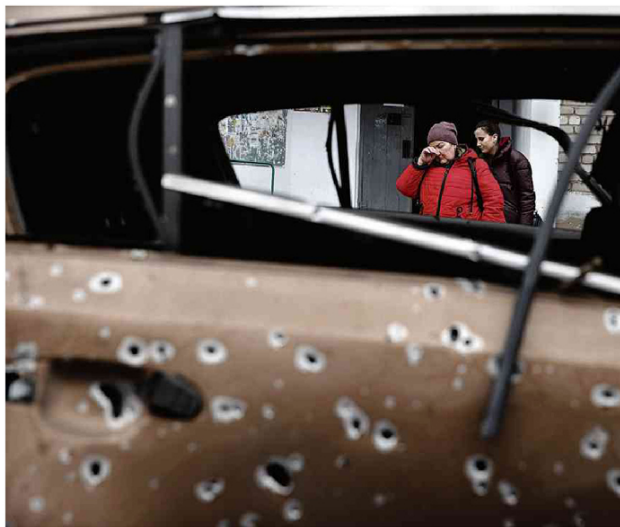
"Esperamos que na próxima vez tenhamos um avanço mais significativo", disse. Na próxima quinta (10), os charceres dos dois países devem se encontrar na Turquia. Enquanto isso, os combates se intensificaram em torno de Kiev, levando a temores de que o esperado ataque à capital com blindados se materialize.

Peskov afirma que não haverá exigências territoriais adicionais a serem feitas pelo Kremlin, o que não coincide com o mapa que se desenha no solo ucraniano, particularmente com o estabelecimento de uma ponte terrestre entre o Donbass e a Crimeia, base da Frota do Mar Negro russa. Se a cidade de Mariupol, sob intenso cerco e objeto da discussão acerca de corredores humanitários, cair, tal ligação está estabelecida. E as forças de Putin lutam para chegar até Odessa, o maior porto ucraniano. Se conseguirem, apesar dos reverses no caminho no fim de semana, podem isolar o país do mar.

"Nós realmente estamos acabando a desmilitarização da Ucrânia. Vamos acabá-la. Mas a principal coisa é a Ucrânia cessar sua ação militar. Alguém vai atacar", disse Peskov. Em outras palavras, o Kremlin quer a rendição dos ucranianos, algo que o governo de Volodimir Zelenski rejeita. No sábado (5), Putin havia dito que a Ucrânia corria o risco de deixar de ser um Estado soberano.

"Eles devem fazer emendas à Constituição de acordo com as quais a Ucrânia irá rejeitar entrar em qualquer bloco", afirmou sobre a neutralidade. A frase é importante, pois "qualquer bloco" indica não só o temor de acantonar dos russos de ter um país enorme membro da Otan junto às suas fronteiras, mas também o desejo de evitar que a União Europeia transforme a Ucrânia em uma vitrine do tipo de democracia que possa inspirar opositores de Putin na Rússia.

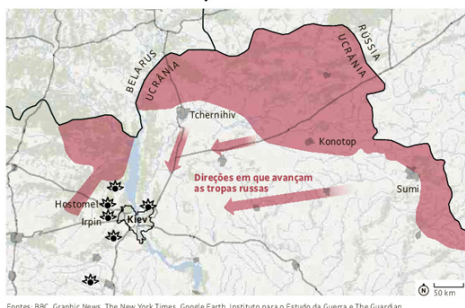
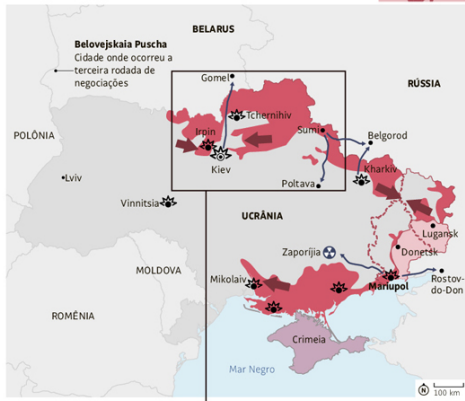
Peskov disse que "seria uma questão de tempo" ver mísseis intermediários e outras armas ofensivas colocadas numa Ucrânia que fizesse parte da Otan. "Tivemos de agir". A questão da neutralidade estava no centro do ultimato feito aos EUA e à aliança ocidental.



Ucranianas são vistas atrás de carro baleado na cidade de Mikolaiiv, no sul do país. Tyler Hicks/The New York Times

12º dia de incursões da Rússia sobre a Ucrânia

- Reivindicado por separatistas, mas sob domínio ucraniano
- Sob domínio dos separatistas e agora reconhecidas por Moscou
- Ocupado por tropas russas
- Anexão pela Rússia em 2014
- Ataques relacionados
- Corredores humanitários propostos pela Rússia, mas recusados pela Ucrânia
- Maior usina nuclear da Europa



Fontes: BBC, Graphic News, The New York Times, Google Earth, Instituto para o Estudo da Guerra e The Guardian

Kiev vê plano de corredores russos como imoral; diálogo pouco avança

SÃO PAULO A Ucrânia rejeitou nesta segunda (7) o anúncio feito pela Rússia para abertura de novos corredores humanitários. Antes, Moscou informou que planeja abrir caminho para que civis saiam do país com destino à Rússia ou à Belarus.

Segundo a vice-primeira-ministra da Ucrânia, Irina Vereschuk, a abertura das rotas para a Rússia ou para o país vizinho aliado de Moscou é uma tentativa de manipular a opinião internacional, sobretudo a do presidente da França, Emmanuel Macron, que telefonou ao líder russo, Vladimir Putin.

"[O corredor] não é uma opção aceitável", afirmou Vereschuk. "Espero que Macron entenda que seu nome e seu desejo sincero de ajudar estão na realidade sendo manipulados pela Federação Russa", argumentou. Além de acusar Moscou de tentar manipular a opinião pública, o governo ucraniano classificou a iniciativa como "imoral" porque a Rússia se propõe a levar os civis para seu território.

"Essa é uma história completamente imoral. O sofrimento das pessoas é usado para criar uma imagem desejada para a televisão. São cidadãos da Ucrânia, eles devem ter o direito de ser deslocados para o território da Ucrânia", disse um porta-voz do presidente ucraniano, Volodimir Zelenski.

Macron chamou de cinismo a proposta de Putin. Ele telefonou ao russo no domingo (6) pedindo cessar-fogo e recebeu como resposta a proposta dos corredores humanitários.

"Não é sério. É de um cinismo moral político que me parece insuportável", disse o presidente ao canal de LCL. Para Macron, o gesto russo é hipócrita. "É um discurso que consiste em dizer 'vamos proteger as pessoas e levá-las à Rússia. Pessoas morrendo, estão exaustas. E não conseguimos obter um cessar-fogo'.

O presidente do Conselho Europeu, Charles Michel, disse que exortou o Kremlin a "interromper imediatamente as hostilidades e assegurar a passagem humanitária segura e acesso à assistência" na Ucrânia. Ele reiterou a solidariedade da Ucrânia, afirmando que o órgão deve discutir nos próximos dias o possível ingresso do país na UE — tópico contra os interesses do Kremlin.

O plano para cessar-fogo e a retirada de civis seria viabilizado, em tese, às 14h no horário de Moscou (4h no horário de Brasília).

Há desconfiança, porém, em relação à eficiência da operação. Dois acordos para cessar-fogo em Mariupol e Volnovadha falharam nos últimos dias, com ambos os lados se acusando de descumprir o combinado.

Um dos negociadores russos acusou a Ucrânia de cometer "crimes de guerra" ao rejeitar os corredores humanitários propostos por Moscou, tema principal da terceira rodada de negociações nesta segunda-feira. O encontro não teve desdobramentos significativos. A delegação russa disse que um quarto encontro deve ocorrer "em breve", sem revelar a data.

Moscou voltou a dizer que estabelecerá corredores em diversas cidades ucranianas nesta terça (8), na manhã local. As rotas não foram detalhadas; Kiev não se manifestou. **COM MAIS DE 400**

No caso, o russo queria a garantia deles de que não trariam a Ucrânia para seu lado. O Ocidente rejeitou a ideia.

Em 2008, tal possibilidade levou o Kremlin a lutar uma guerra na Geórgia, vencida em cinco dias. As ações de 2014 na Ucrânia já seguiam essa lógica, já que o governo pró-Rússia de Kiev havia caído após não ter aceitado um acordo comercial com os europeus. Putin busca manter o cinturão que separa a Rússia de seus adversários, como fizeram antes o Império Russo e a União Soviética.

Por fim, as questões territoriais existentes. Que a retomada da Crimeia por Moscou em 2014 é um fato consumado, isso é admitido por qualquer diplomata ocidental. Fazer Kiev aceitar parece algo mais difícil. O mesmo se aplica às chamadas "repúblicas populares" do Donbass, baseadas em Donetsk e Lugansk, lar de 1 milhão de pessoas, a maioria russófona. São mil delas com passaporte russo.

"De resto, a Ucrânia é um Estado independente que irá viver como quiser, sob as condições de neutralidade", disse. A Rússia reconheceu as duas regiões três dias antes do início da guerra. "Nós entendemos que elas seriam atacadas". Ele não citou a "desnazificação" do vizinho, peça central da propaganda da guerra.

Brasil fica fora da lista de países considerados hostis pelo Kremlin

O Kremlin divulgou nesta segunda (7) uma lista de países considerados hostis à Rússia. O Brasil, cujo presidente Jair Bolsonaro visitou Vladimir Putin na semana anterior ao início da guerra na Ucrânia e tem pregado neutralidade no conflito, não está nela. Entre os países considerados hostis, estão Austrália, Reino Unido, os 27 países da União Europeia, Islândia, Canadá, Noruega, Coreia do Sul, Singapura, Estados Unidos, Taiwan, Ucrânia, Suíça e Japão.

Leia mais das pgs. A14 a A16

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Valor Econômico - São Paulo/SP

Seção: Internacional **Caderno:** A **Página:** 10